

A ecologia: desafio da educação *

Paulo Agostinho N. Baptista**

Resumo: O desafio ecológico torna-se preocupante a cada dia. A lógica do mercado quer reduzir o problema ambiental a um processo econômico. A escola também foi colocada na mesma lógica: o sucesso, o vestibular, o ENEM e o mercado de trabalho. Sua missão, no entanto, é mais profunda: formar cidadãos que tenham um significativo sentido de vida e possam construir seu projeto de vida de forma integral e integrada. Educar, hoje, “significa salvar vidas” (ASSMANN). O Ensino Religioso, como disciplina e área de conhecimento, tem um papel importante nessa formação da cidadania, de forma integradora e integrada às demais disciplinas, respeitadora da diversidade de crenças, promotora da inclusão e da solidariedade. O presente artigo aborda essas questões, especialmente, a escola frente ao desafio da ecologia. Ecologia é compreendida aqui como o cuidado com o ambiente no sentido bem amplo, incluindo eco-tecnologia, eco-política, ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental, ética ecológica e ecologia integral. A conclusão é que a vida e o ambiente das pessoas e da natureza devem ser cuidados e a escola pode contribuir nesse processo com a formação de nova consciência e mobilização de toda a comunidade educativa.

Palavras-chave: Ecologia; Educação; Ensino Religioso; Vida; Cuidado.

Abstract: The ecological challenge becomes worrying every day. The logic of the market wants to reduce the environmental problem to an economic process. The school was also placed on the same logic: success, vestibular, and ENEM the labor market. His mission, however, is deeper: educating citizens that have a significant meaning in life and can build their life project in full and integrated. Educating today. "Means saving lives" (ASSMANN). Religious Education as a discipline and area of expertise, has an important role in this development of citizenship in order integrator and integrated with other disciplines, respectful of diversity of beliefs, promoting inclusion and solidarity. This article addresses these issues, especially the school facing the challenge of ecology. Ecology is understood here as care for the environment in the broader sense, including eco-tech, eco-policy, environmental ecology, social ecology, mental ecology, ecological ethics and integral ecology. The conclusion is that the lives and environment of people and nature must be maintained and the school can contribute to this process with the formation of new awareness and mobilization of the entire educational community.

Keywords: Ecology; Education; Religious; Education.Life; Care

Introdução

Às vésperas da Conferência da Organização das Nações Unidas – ONU sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio +20), em junho de 2012 no Rio de Janeiro, a Câmara dos Deputados do Brasil aprovou o novo Código Florestal, em 25 de abril de 2012, que segue para sanção presidencial. Como reação, começa uma campanha

* A base deste artigo foi tirada da participação e exposição na 1ª. Semana de Capacitação de Professores de Ensino Religioso em Campos dos Goytacazes em 2009, agora revista, atualizada e ampliada. Cf. BAPTISTA, 2009.

** Doutor em Ciência da Religião (UFJF), professor de Cultura Religiosa e Diretor Acadêmico da Unidade Barreiro da PUC Minas, editor de **Horizonte** – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – PUC Minas. E-mail: pagostin@gmail.com

“Veta, Dilma!”. Em preparação para essa Conferência no Rio, a ONU lançou um documento, denominado “rascunho zero” (*draft zero*) que tem gerado muitas reações: ele coloca a saída para o problema ambiental no mercado, na “economia verde”.

As condições reais de vida, humana e de diversos sistemas vivos, continuam ameaçadas. Os dados sobre a fome na África, especialmente da Somália, Etiópia, Quênia, assolados por conflitos internos e uma seca recorde; a crise européia, com crescente desemprego na Grécia, Espanha, Portugal; a grave situação social de diversos países latino-americanos; o crescimento do desmatamento, especialmente em Mato Grosso e Roraima, com suas trágicas implicações; o desequilíbrio climático com as cheias recentes na Amazônia, atingindo fortemente o Acre, e a estiagem no Sul; enfim, são alguns dos fenômenos atuais que colocam um grave desafio a todos: enfrentar decisões políticas para que se defina novo rumo sustentável, tratando da economia mundial numa perspectiva de cuidado para com os que mais sofrem e com o meio ambiente. Infelizmente, a classe política e os gestores públicos, nacionais e internacionais, parecem mais preocupados com o imediato de suas permanências no poder, apoiando e apoiados por empresas “míopes” em relação a essa situação.

Nos últimos anos, diversas campanhas contribuíram no Brasil para formar uma nova consciência e mobilizar as pessoas. Em 2008, muitas comunidades religiosas e diversas escolas e grupos detiveram-se diante do tema da Campanha da Fraternidade (CF) “Fraternidade e defesa da vida”. Já em 2010 tivemos uma campanha ecumênica com o tema “Economia e vida” e o lema “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”. Em 2011, o tema da CF foi “Fraternidade e a vida no planeta” e o lema “A criação geme em dores de parto”. Neste ano estamos refletindo sobre “Fraternidade e Saúde Pública”, com o lema “Que a saúde se difunda sobre a terra” (Eclo 38,8).

A realidade nos desafia a pensar e agir. Não estamos na estaca zero. Para os educadores, das diversas áreas de conhecimento, especialmente aqueles que trabalham com a educação religiosa, a defesa da vida numa compreensão ampla e articulada da ecologia, por sua importância fundamental, deve nos levar a integrar essa temática no centro das disciplinas, de forma a gerar um processo de questionamento constante. Devemos nos perguntar: como pensar a educação, a escola, a missão da escola e da educação, diante do desafio de defender a vida, ameaçada nas relações intersubjetivas, sociais e ambientais? Como os educadores devem encarar essa questão, esse desafio?

Hugo Assmann, teólogo e educador, um dos grandes educadores brasileiros, falecido em 2008 aos 74 anos, dedicou seus últimos anos e sua pesquisa buscando

resposta ao desafio de “reencartar a educação”, de desenvolver a “competência e a sensibilidade solidária”, a “curiosidade e o prazer de aprender”. Duas de suas frases devem sempre estar presentes em nossas mentes e em nossos corações, fazendo ecoar sua sabedoria. A primeira é uma afirmação: “Hoje, educar significa defender vidas.” É o tema que este artigo pretende discutir: a ecologia com desafio à educação. A segunda é uma pergunta instigante: “Será que ser educador [a] é ainda uma opção de vida entusiasmante?”.

O artigo apresenta três momentos articulados. Primeiramente, trata da “Educação e a tarefa de educar”. Depois, discute sobre a “Educação: missão de cuidar da vida”. E, como conclusão, reflete sobre “Educação como mobilização em defesa da ecologia”.

Educação e a tarefa de educar

A palavra “educar” tem sua origem latina em *educare* e no verbo latino composto *educere* (*ex* = fora; e *ducere* = conduzir, levar). Temos, então, um primeiro significado: conduzir para fora (SCHÜLTZ, 2012). Pode-se também traduzir essa palavra por “tirar de dentro”, chamar o ser humano a se construir, construir o sujeito, a pessoa e seu projeto de vida. É um processo constante. Desde que nascemos somos e podemos ser conduzidos a um dinamismo de individuação, de construção de autonomia. Começamos com diversos “pedagogos” (pais, familiares e professores), aqueles que nos conduzem pela mão, que nos mostram o caminho.

Bernard Charlot diz que desde que nascemos somos introduzidos na dinâmica de aprender: “aprender para construir-se, em triplo processo de ‘hominização’ [torna-se ser humano], de singularização [tornar-se um ser único em nossa espécie], de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela)” (CHARLOT, 2000, p. 53). O processo da educação para ele “é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda” (CHARLOT, 2000, p. 54). É um processo de partida, de abertura e descoberta do outro, como nos ensinava Dom Hélder.

Nesse sentido, a educação é espaço e lugar de hominização, de formação de nossa humanidade. Começa pela socialização primária, a família, e continua na escola e em diversas formas de interação social. E o dinamismo que a dirige é o desejo: “toda educação supõe o desejo, como força propulsora que alimenta o processo”

(CHARLOT, 2000, p. 54), o desejo por vida. Temos um vetor fundamental que nos impulsiona a buscar, a querer: a vida. Esse contato com a vida é conduzido por uma dinâmica: a curiosidade. Através dela exploramos o mundo, começando pelo corpo, o corpo da mãe, o nosso corpo, nossas mãos, os brinquedos que são colocados ao nosso alcance e, com o tempo, o mundo a nossa volta.

Curiosidade e conhecimento estão e deveriam continuar articulados em nossa caminhada de formação. A educação e a escola têm aqui seu objetivo principal. Deveriam privilegiar esse processo que marca todo ser humano e que precisa ser estimulado desde os primeiros dias de nossa vida. Sua principal tarefa é nos ensinar a gostar de aprender, de conhecer, algo que já nos é comum em nossa hominização, mas que ganha novas dimensões em seu desenvolvimento.

Assmann falava em *aprendência*, em sistemas aprendentes como sendo a característica fundamental dos seres vivos: “são seres que conseguem manter, de forma flexível e adaptativa, a dinâmica de continuar aprendendo.” (ASSMANN, 1998, p. 22). Para ele, “processos vitais e processos de conhecimento são no fundo a mesma coisa” (Ibid.).

À luz dessas primeiras idéias, devemos questionar nossa educação e nossa escola. Será que há consciência dessa dinâmica quando são elaborados os programas, os planos de ensino, os sistemas de avaliação, o sistema disciplinar, os projetos pedagógicos, as estruturas escolares? Será que nossos alunos percebem, em nossas práticas educativas, esse dinamismo vital, essa articulação entre curiosidade e conhecimento? Sentem-se fascinados em conhecer, sentem-se estimulados em criar, inventar, pesquisar, ou ao contrário, sucumbem num processo desmotivante de “receber depósitos de conhecimento” como nos questionava Paulo Freire? Criamos em nossos ambientes escolares um dinamismo mobilizador em direção ao aprender? Nossos educandos percebem em nosso agir educativo o entusiasmo de que nos perguntava Assmann?

Todas essas perguntas e questionamentos estão aqui, no início de nossa reflexão, pois estamos tratando do fundamento da tarefa da educação – educar –, educação que dá início à construção do alicerce que pode garantir a defesa de nossa casa comum, da ecologia. Antes de ser um objetivo final, a defesa da vida deve estar presente na própria concepção de educação, no seu processo operatório. E educar, para Assmann, “é a mais avançada tarefa social emancipatória”: defende-se a vida quando ela é cuidada desde seus primórdios e assim, esse mesmo processo de

cuidado, é formador de pessoas que se tornam defensores da vida, pois aprenderam a serem cuidados e a cuidar da vida.

Não adianta ter conteúdos e projetos que tratam da ecologia e da defesa da vida se a vida não está defendida na própria dinâmica escolar. Ela começa não como conteúdo, como tema, mas na concepção de educar: a estrutura, o projeto pedagógico, a dinâmica de ensino-aprendizagem.

Certamente, não cabe só à escola essa tarefa. Como já se afirmou a primeira socialização acontece na família. Mas podemos, então, nos perguntar: que famílias temos atualmente? Qual é a realidade de grande parte das famílias que procuram nossas escolas? Não é incomum ouvir pais afirmarem que eles “desistiram” de educar seus filhos, que a salvação deles está na escola. E a apesar da gritante diferença entre a realidade das famílias de escolas públicas e aquelas que matriculam seus filhos no sistema privado, o problema continua: o que podemos fazer diante disto?

Outros desafios surgem de dentro da própria escola. Dos educadores se ouve a reclamação sobre a burocracia escolar, do excesso de atividades, da falta de tempo para ler e estudar diante do cumprimento das crescentes tarefas e do grande número de aulas assumidas. E há ainda outros graves problemas: a indisciplina, a desmotivação dos alunos, o descumprimento das tarefas de casa, a ausência de disciplina acadêmica, o número de alunos em sala, da falta de condições para aprendizagem na escola, sem falar de problemas administrativos e de infraestrutura como gestão da direção, de sala, da carência de recursos materiais e operacionais básicos, o problema dos salários, esses últimos, principalmente nas escolas públicas. Nas escolas particulares há outros desafios: inadimplência, custos, necessidade de reajuste na mensalidade, a pressão do vestibular, a “enemização” ou “enemite” (a doença em centrar tudo no ENEM), como questiona, humoradamente, o professor e doutor em educação Simão Pedro P. Marinho.

Diante de tudo isto, percebe-se que a escola é chamada a responder a diversos e múltiplos desafios. Em síntese: toda a sua dinâmica é e deve ser educativa. Ela não pode fugir dessas questões. Deve formar a comunidade educativa, pois a aprendizagem é algo inerente à sua vocação. Deve formar, além daqueles que aparecem como seus principais sujeitos – os educandos – também os educadores, os administradores e demais funcionários, e ainda, as famílias, a comunidade. É uma enorme missão.

Educação: a missão de cuidar do *oikos*, da ecologia

A palavra missão tem sua origem também no latim, no verbo *mittere* que significar enviar, mandar. Daí nasceu a palavra *missus* (enviado, convocado, chamado, mandado) e *missio* (incumbência, mandato, tarefa, obrigação, encargo, vocação).

Ao falar de educação, anteriormente, todos esses significados apareceram. Destacou-se que a principal missão da escola é fazer com que educando, educador e toda a comunidade educativa estejam em processo de aprendizagem, gostem e se sintam bem e realizados em aprender, pois nossa hominização, a construção do sujeito, de nosso “ser humano”, da pessoa humana, tem esse dinamismo vital.

Mas a aprendizagem como condição epistêmica e metodológica da educação é feita de “cuidado” e o cuidado é essencialmente uma atitude amorosa. Leonardo Boff nos ensina que ele “Representa um *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999b, p. 33). Educar, assim, é uma forma de amar. Pela educação estamos exercendo nossa missão, nosso mandato de amar. Concepção, método e conteúdo agora se encontram. O conteúdo fundamental de nossa construção humana, de nosso projeto de vida é a felicidade. E o objeto mais profundo de toda a busca, de toda satisfação e realização humanas é o amor, mesmo que, inconscientes, coloquemos outros nomes a realizações ou pseudo-realizações que buscam substituí-lo: poder, dinheiro, hedonismo etc.

Todo o processo educativo, falando de uma perspectiva puramente antropológica, é expressão de amor, ou pelo menos, guarda na atitude do cuidado, essa dimensão. Mas isto tem uma amplitude maior. Não se refere somente à condição humana. Atinge toda a evolução, a natureza.

Curiosamente, o fundamento biológico da “persistência da vida”, contra todas as formas de problema e de catástrofes, segundo o biólogo Humberto Maturana, foi à fraternidade, a solidariedade, a cooperação. Analisando, por exemplo, a vida “social” dos insetos, Maturana tira conclusões importantes para o ser humano: nosso existir está fundado na “colaboração e compartilhamento [...] a aceitação do outro como legítimo outro na convivência.” (MATURANA, 1998, p. 26). Leonardo Boff diz isto com outras palavras: “Não foi a luta pela sobrevivência do mais forte que garantiu a persistência da vida e dos indivíduos até os dias de hoje, mas a cooperação e a coexistência entre eles. (BOFF, 1999b p. 111).

Isto se aplica à vida, à evolução, ao dinamismo ecológico, quanto mais se dá no processo humano e na realidade educativa. Nossas escolas têm uma missão fundamental, intrínseca à tarefa de educar: cuidar da vida, vida que é expressão de amor.

Os educadores de Ensino Religioso aprendem sempre da riqueza e da diversidade das tradições religiosas. Os cristãos têm uma visão interessante sobre a missão, compreendem-na como um mandato explícito: “Ide por todo mundo e anunciai a boa-nova a toda criatura.” Essa boa-notícia é que Deus é amor, que o amor é fundamento das relações e da própria vida. Ele é a primeira e a última Palavra de Deus. Está no início da criação, na Palavra que cria e diz que “tudo era bom” e na ressurreição-redenção que diz sim à vida e supera o derradeiro limite, a morte.

A Palavra de Deus para judeus e cristãos, mas também para muçulmanos e as diversas tradições hindus, é uma palavra viva, não é um simples texto de mais um livro. Deus está a lhes falar em suas vidas, em suas práxis e reflexões.

Um exemplo da tradição cristã tirado do evangelista Lucas (6, 43-49):

Jesus disse aos seus discípulos: Não existe árvore boa que dê frutos ruins, nem árvore ruim que dê frutos bons. Toda árvore é reconhecida pelos seus frutos. Não se colhem figos de espinheiros, nem uvas de plantas espinhosas. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração. Mas o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, pois sua boca fala do que o coração está cheio. Por que me chamais: “Senhor! Senhor!”, mas não fazeis o que eu digo? Vou mostrar-vos com quem se parece todo aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as põe em prática. É semelhante a um homem que construiu uma casa: cavou fundo e colocou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra a casa, mas não conseguiu derrubá-la, porque estava bem construída. Aquele, porém, que ouve e não põe em prática, é semelhante a um homem que construiu uma casa no chão, sem alicerce. A torrente deu contra a casa, e ela imediatamente desabou; e foi grande a ruína dessa casa.

O amor é o fruto que se pode colher de uma árvore que também é amor, é o alicerce que nossa educação pode construir para sustentar obras de amor e de defesa e cuidado da vida. Há uma relação direta entre árvore e fruto, casa e seu alicerce, educação e sua missão de cuidar da vida. Deixemos que também essa Palavra ecoe em nossos corações e mentes.

A vida, como dom de Deus, é o bem mais sagrado e mais caro que temos. Ela é a expressão absoluta do Amor de Deus. Os cristãos se sentem chamados a

testemunhá-la e defendê-la sempre e em todos os lugares. Mas em quase todas as religiões encontramos experiências semelhantes. Também aqueles que não crêem percebem o valor da vida e da relação entre educar e amar.

Como educadores religiosos essa é nossa missão, essa é a missão da escola, começando pelo cuidado com a própria educação e da comunidade educativa. É um processo que deve nos mobilizar sempre, nos colocar a caminho, nos levando à *metanoia*, à conversão constante.

Há uma belíssima poesia de Dom Hélder Câmara que diz:

*Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si,
Quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu.
É parar de dar volta ao redor de nós mesmos.*

*Como se fôssemos o centro do mundo e da vida.
É não se deixar bloquear nos problemas do pequeno mundo
A que pertencemos: a humanidade é maior.*

*Missão é sempre partir, mas não devorar quilômetros.
É sobretudo abrir-se aos outros como irmãos,
Descobri-los e encontrá-los.*

*E, se para encontrá-los e amá-los for preciso atravessar os
Mares e voar lá nos céus, então missão
É partir até os confins do mundo.*

Esse caminhar testemunhante de amor até os confins do mundo é a mais preciosa expressão da universalidade da educação. Exige para isso diálogo, acolhida, respeito e competência pedagógica. Educar como ato de amor é fundamental mediação afetiva para o conhecimento. A unidade de propósitos educativos, expressa na atitude de cuidado amoroso, na diversidade de disciplinas, é imprescindível.

Especificamente, o Ensino Religioso ou a Educação Religiosa, como disciplina acadêmica e área de conhecimento, tem como objeto educar uma das dimensões fundamentais do ser humano: o sentido da vida. Antropologicamente, esse sentido é o amor. Para muitos de nossos educandos, que se identificam com o cristianismo, esse sentido, esse amor é Deus, que se revelou na vida amorosa de Jesus.

Mas essa disciplina tem outro objetivo importante para nós: gerar o interesse do educando em aprofundar sua experiência de fé, qualquer que seja, em sua família, sua comunidade religiosa ou grupo de jovens. Se a educação religiosa deve refletir criticamente sobre os elementos fundamentais da religiosidade, deve também, além de suscitar o aprofundamento da fé, exercitar o respeito e o diálogo inter-religioso e ecumênico.

Em muitas escolas religiosas se formou boa parte de nossa elite econômica, política e cultural, seus alunos, certamente, estudaram Ensino Religioso. Criticamente, podemos perguntar, repetindo questionamento também feito por Frei Betto: que resultado temos? Passaram pelas nossas escolas grande parte dessa elite que produziu e continua a produzir as grandes contradições de nosso país: miséria, fome, indignidade educacional, na saúde pública, nos transportes, na violência urbana e rural, na maior concentração fundiária do mundo (46 pessoas detêm 60% da terra agricultável do país). Não falta indiferença religiosa, intolerância e exclusão. Entre a formação e a vida dessa elite há um abismo, provavelmente é possível que esse abismo exista também entre sua fé e sua vida. Há alguma responsabilidade de nossas escolas, de nossas disciplinas, do Ensino Religioso, das igrejas e religiões?

Não podemos colocar todo o ônus desses problemas na escola ou em nossas disciplinas ou no Ensino Religioso. Mas também não podemos dizer, simplesmente, que não temos nada a ver com isso. A missão de educar, especialmente numa área pedagógica como o Ensino Religioso, é contribuir para a construção de um sentido de vida profundo. O amor é um desses sentidos mais significativos. E esse processo começa pela coerência em nossa prática educativa, pelo nosso testemunho, e deve provocar nossos educandos a viverem entre si esse amor e a levá-lo como sentido mais profundo de suas vidas. Nossos conteúdos, projetos e mobilizações têm esse desafio pela frente: mobilizar todos em defesa da vida, hoje ameaçada em seus limites extremos, do cuidado com o meio ambiente que inclui tudo e todos. Se acreditamos de fato na educação, sabemos por experiência de seu alcance, apesar de todas as dificuldades.

O amor pede eficácia. Não é um sentimento apenas: é práxis, ação. A dinâmica da vida escolar exige resultados. Não pode ser reduzida a atender simplesmente as expectativas que o mercado institui para medir e gerar competição. Em 2008, a editora da UFMG publicou um trabalho que merece ser lido por todos os educadores: “Pesquisa em eficácia escola: origem e trajetórias” (SAMMONS, 2008, p. 351).

É um tema polêmico e não é nosso objeto aqui. Mas vale a pena fazer referência às características-chave de escolas eficazes. São apontados onze fatores que atuam articulados:

TABELA 18.1
Onze fatores para escolas eficazes

1. Liderança profissional	Firme e objetiva Um enfoque participativo Um profissional que lidera
2. Objetivos e visões compartilhados	Unidade de propósitos Prática consistente Participação institucional e colaboração
3. Um ambiente de aprendizagem	Um ambiente ordenado Um ambiente de trabalho atraente
4. Concentração no ensino e na aprendizagem	Maximização do tempo de aprendizagem Ênfase acadêmica Foco no desempenho
5. Ensino e objetivos claros	Organização eficiente Clareza de propósitos Aulas bem estruturadas Ensino adaptável
6. Altas expectativas	Altas expectativas em geral Comunicação de expectativas Fornecimento de desafios intelectuais
7. Incentivo positivo	Disciplina clara e justa Feedback
8. Monitoramento do progresso	Monitoramento do desempenho do aluno Avaliação do desempenho da escola
9. Direitos e responsabilidades do aluno	Aumentar a auto-estima do aluno Posições de responsabilidade Controle dos trabalhos
10. Parceria casa-escola	Envolvimento dos pais na aprendizagem de seus filhos
11. Uma organização orientada à aprendizagem	Desenvolvimento de pessoal baseado na escola

Esses fatores trabalham com destaque as condições para a aprendizagem. O pressuposto fundamental, no entanto, é a atitude de cuidado com a vida do educando que está sendo gestada, especialmente, a convicção e a proposta de formar o sujeito, em sua autonomia e liberdade, intersubjetivo e solidário, articulando sua individualidade com a alteridade e o diálogo, tanto com os outros quanto com o ambiente, salvaguardando as condições de vida para todos os seres.

Educação como mobilização em defesa da ecologia

O conceito *ecologia* teve inicialmente o significado dado por Ernst Haeckel (1834-1919), em 1866, de “estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos)” (BOFF, 1993, p. 17). Numa formulação mais recente, Leonardo Boff (1999), destaca o sentido de “estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com seu meio ambiente, entendido como uma casa, donde deriva a palavra ecologia (*oikos*, em grego = casa, a mesma raiz etimológica de ecumenismo)” (BOFF, 1999a, p. 25).

Segundo Boff, o conceito de *ecologia* foi ao longo do tempo superando seu nicho “regional” e se tornou universal, um *novo paradigma* que detém a grande força “mobilizadora do futuro milênio” (BOFF, 1999a, p. 25). Leonardo fala de diversas dimensões da ecologia: eco-tecnologia, eco-política, ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental, ética ecológica e ecologia integral. Como se percebe, ela atinge todos os setores, apontando critérios e valores, apresentando um novo olhar sobre tudo (BAPTISTA, 2011, p. 121-207).

Essa concepção de ecologia é importante hoje na perspectiva de se pensar uma escola articulada e não fragmentada. A partir do momento em que nossas escolas procuram construir seu projeto pedagógico e a dinâmica escolar como cuidado da vida, no sentido de “cuidado da ecologia”, do *oikos*, ela está preparada para se dedicar a tratar dos conteúdos, dos projetos e da mobilização em defesa da vida, de forma especial daquelas que são mais ameaçadas. Tal processo confere à escola sua responsabilidade política e cidadã. Há coerência entre o que ela faz *ad intra* e o que busca realizar *ad intra* e *ad extra*, internamente e para fora.

Assmann dizia, e já o dissemos, que educar “é a mais avançada tarefa social emancipatória”. Ainda estamos ecoando outra frase sua dita no início: “Hoje, educar significa defender vidas.”

Se hoje a ameaça à vida ganhou uma dimensão global, planetária, isto se deve à maneira como se produziu a cosmovisão moderna: “o estar sobre as coisas” e não o “estar com as coisas”. O antropocentrismo moderno nos fez pensar e agir de forma arrogante, prepotente e incoseqüente. Nesse sentido, alguns acham possível que nossa demência conseguiria, então, acabar com a vida. Felizmente, isto não aconteceria, nem se utilizássemos de todo arsenal destrutivo que já construímos.

Acabaríamos, sim, como a vida humana, seus valores, sua história, cultura e também com a vida de muitas espécies, com boa parte da biodiversidade que temos. Mas a vida, assim mesmo, sobreviveria, ela é maior e mais resistente que nossa irresponsabilidade.

Na lógica dos modelos econômicos vigentes não há espaço para a vida e o cuidado com o ambiente. O vetor é o lucro numa perspectiva presentista. Não aprendemos com o passado e não somos conscientes do futuro trágico que está sendo construído: “*Carpe diem*, aproveitem o dia, o agora, o imediato, não pensem nas futuras gerações, ganhem o máximo e o mais rápido possível.”

Se olharmos para as relações sociais veremos os dados absurdos da violência. Em 2002, 70,7% das mortes de jovens entre 15 e 24 anos tinham como causa a violência. A violência nas cidades, seja do trânsito, seja em torno da droga, mata mais que todos os conflitos bélicos. O Mapa da Violência 2011 – Os Jovens do Brasil (WAISELFISZ, 2011), trabalho realizado pela Fundação Sangari/Ministério da Justiça, traz dados preocupantes. A população jovem – segundo a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), juventude é compreendida com categoria sociológica na idade entre 15 e 24 anos – é a parte da sociedade mais afetada pela violência¹. Enquanto essa população viveu um decréscimo numérico entre 1980 e 2008 (de 21,1% para 18,3% em relação à população em geral), totalizando 34,6 milhões de jovens em 2008, o número de homicídios duplicou: 36,6% em 2008. Na proporção para 100 mil jovens, o número passou de 30, em 1980, para 52,9 em 2008 (WAISELFISZ, 2011, p. 6-13). Outro dado crítico, agora da Organização Mundial de Saúde (OMS): o suicídio é apontado como a segunda causa de morte violenta, vindo depois da morte no trânsito.

Há ainda outras violências diretas e indiretas: a qualidade da escola pública e de seus resultados, sonogando a dignidade às crianças, adolescentes e jovens; o grave problema da saúde, seja pública, seja dos planos privados; o problema das estradas, ceifando vidas diariamente; do saneamento; da falta de moradia digna; da indigência da droga que mata o futuro de gerações; da “cachoeira” de corrupção que transfere os impostos, duramente pagos, para o usufruto privado de uma corja/quadrilha de políticos, cotidianamente denunciados pelos jornais e pela mídia televisiva, despreparados para cuidarem da vida pública. São muitos os problemas e desafios, nas cidades e nos campos, nas metrópoles e no nosso interior.

Recentemente, dados publicados também pela OMS mostram que a depressão se tornará a doença “mais comum do mundo” em 2030². Essas realidades tocam exatamente o tema e objeto da disciplina de Ensino Religioso: contribuir para a formação de um sentido profundo da vida. Que razões e motivos levam tantos à depressão, ao suicídio? Que qualidade tem atualmente o sentido de vida das crianças, mas especialmente, de adolescentes e jovens? Que projeto de vida querem construir? Esse projeto inclui os outros e o cuidado da vida?

O problema ecológico nos desafia cada vez mais. A Conferência Rio+20 se aproxima. Será esse espaço capaz de apontar horizontes alternativos? As grandes empresas querem emplacar a lógica do mercado como o solucionador de todos os problemas ambientais. Merece ser conhecido o debate se fará até lá (LESPAUBIN, 2012). A matriz energética, que ainda se baseia na dependência do petróleo, está às vésperas de um colapso. Por isso, os desastres ambientais da prospecção de petróleo em águas profundas, no exterior e nos primeiros casos no Brasil, projetam situações inimagináveis. A experiência brasileira com etanol tem problemas: o custo com impostos, problemas com a safra e interesse na produção de açúcar para exportação, até questões de logística. Ainda há pouco investimento em outras fontes alternativas. O futuro ambiental, levando-se em conta o novo código florestal, ainda é incerto. O espaço que nos resta é da formação da consciência cidadã. E a escola joga importante papel nisto.

No entanto, apesar de todos os problemas, há também esperança. Existem muitas histórias de superação e de vitórias em defesa da vida e do meio ambiente, anônimas e desconhecidas. Se formos partilhar as ricas experiências, de comunidades e de muitas escolas, veremos quantos projetos já estão conseguindo avançar na mobilização de adolescentes e jovens. É preciso que nossas escolas tenham como meta essa conscientização e mobilização. Essa meta toca o interesse, o desejo e a curiosidade de todos. Não há educando que não se preocupem com essa questão, com o seu futuro.

Num contexto de crise de sentido, de crise sobre o futuro, do horizonte de expectativa, não basta falar de ecologia e de “defesa da vida”. É preciso que conheçamos experiências que nos façam ter esperança. Se olharmos os jornais e a mídia, não predominam as boas notícias. Num cinismo mercadológico se diz que boas notícias não vendem, não dão “ibope”. Mas há muita coisa boa acontecendo. Porém, devemos pensar nossos projetos organicamente com nossos propósitos educativos

mais profundos. Não pode ser algo esporádico como uma “visita ao museu da miséria” ou “conhecer as espécies em extinção”. Salvar vidas é uma tarefa emancipatória. Exige continuidade entre conhecimento e práxis. Exige acompanhamento, avaliação dos resultados e a felicidade de ver a vida defendida pela solidariedade.

Os exemplos têm a força de nos mobilizar também. Oferecem horizontes. Cito um deles. Numa aula de Cultura Religiosa na universidade (PUC Minas), na década de 1990, um colega, hoje aposentado – professor Etevaldo Brito Dias – suscitou tal interesse que alguns de seus alunos o provocaram: “professor, porque não fazemos algo para transformar a vida das pessoas?”. Com duas alunas, professor Etevaldo começou um dos grandes programas de extensão da PUC Minas – o programa Cireneu. Na comemoração dos 10 anos do Programa, foi emocionante ver o testemunho das lideranças da comunidade de Nova Contagem, região desassistida pelo poder público, com mais de 50 mil pessoas, ver a narrativa daqueles que tiveram suas vidas ameaçadas defendidas e que hoje defendem outras vidas. É uma experiência muito rica também ver a emoção das alunas, hoje profissionais, que continuam sendo solidárias. Ver a promoção de crianças, adolescentes e jovens que acessam o ensino superior, a saúde, os seus direitos. Um projeto que virou programa. Tem continuidade. O nome do programa é sugestivo: Cireneu, aquele que ajudou Jesus a carregar a sua cruz, se faz presente naqueles que sofrem todo tipo de violência e, ainda assim, são solidários e lutam em defesa da vida ameaçada.

Certamente, a citação desse exemplo deve trazer à memória muitos outros casos semelhantes, tanto de cuidado das pessoas quanto de cuidado com o meio ambiente. Como espaço que acolhe durante tantos anos as crianças, adolescentes e jovens, a escola tem um grande desafio: o conhecimento, a motivação e a mobilização de seus sujeitos, educandos, educadores e comunidade, para o cuidado com o meio ambiente, começando pelas pessoas e pelo seu próprio espaço escolar.

Conclusão

Sem o entusiasmo (Deus dentro) da dinâmica educativa, que envolve a todos, que constrói vidas de sujeitos cuidadores e defensores da vida, e sem o encantamento, caímos na formalidade, na burocracia escolar, na negação da vida que pulsa ao nosso redor e que nos chama a defendê-la. Que possamos continuar nossa vida de

educadores, tirando de dentro, conduzindo as pessoas à vida, à vida em abundância. Que os educadores de Ensino Religioso consigam educar crianças, adolescentes e jovens para um sentido pleno que represente uma boa causa a se dedicar e a defender: nossa casa comum, a Terra, lugar onde a vida se desabrocha e pede cuidado.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 22.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. Educação e defesa da vida ameaçada. In: SIMÕES, Cristiano Campos. **Ensino Religioso: desafios e perspectivas na pós-modernidade**. Campos dos Goytacazes: Grafimar, 2009. p. 13-30.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Libertação e ecologia**. A teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. São Paulo: Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999^a
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DEPRESSÃO será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS. **BBC Brasil**. 02 set. 2009. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq.shtm>> Acesso em 29 abr. 2012.
- LESBAUPIN, Ivo. A solução é a ‘economia verde’? Adital. 06. 03. 2012. Mundo. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=es&cod=64975>>. Acesso em 29 de abr. 2012.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMF, 1998.
- SAMMONS, Pam. Leitura 18. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (Org.). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 333-382.
- SCHÜLTZ, Ricardo. **História das palavras** – Word histories. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-hist.html>>. Acesso em 27 abr. 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da violência 2011** – Os Jovens do Brasil. Instituto Sangari. 2011. Disponível em:

<<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/SumarioExecutivo2011.pdf>>.

Acesso em: 29 mar.2012.

Notas:

¹ Violência, na perspectiva do Instituto Sangari e do Mapa da Violência, é um conceito que se restringe ao indicador de morte, pois revela “a violência levada ao seu grau extremo”. Esse indicador é utilizado pela sua objetividade, pois o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) centraliza todos os dados de óbitos. Outras formas de violência como violência física, assalto/furto, violência de trânsito têm poucos registros oficiais. (WAISELFISZ, 2011, p. 5).

² Cf. DEPRESSÃO será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS. BBC Brasil. 02 set. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq.shtml>. Acesso em 29 abr. 2012.